

O início da homofobia, as instituições religiosas e o Estado Homofóbico

Europa

Até meados do século XIX havia forte **ingerência da religião no Estado**. Desde antes da ascensão do Cristianismo no mundo, as comunidades judaicas recriminavam o que era denominado por eles de “Libertinagem” – ou seja, toda relação afetivo-sexual sem fins reprodutivos. Por isso, as práticas homossexuais começaram a ser condenadas, já que entravam no conceito de Libertinagem.

Com a ascensão do Cristianismo e a aliança entre essa instituição e o Estado, as penas a quem realizava atos de Libertinagem começavam a ganhar força e serem cada vez mais violentas. Com o tempo, o foco da punição passou a ser não quem cometia **atos de libertinagem**, mas quem se relacionava com pessoas do mesmo sexo. As **punições exemplares** eram amplamente aplicadas, como os desmembramentos, punições com fogo, etc.

Brasil

No Brasil, antes da colonização portuguesa, a maioria das comunidades ameríndias considerava gênero em 3 vertentes: masculina, feminina e “**dois espíritos**”, sendo comum a relação indígena entre pessoas do mesmo sexo. A partir da colonização, essa prática foi criminalizada e considerada paganismo.

O primeiro caso conhecido de “homofobia” no Brasil foi em relação a um indígena, da tribo Tibira, em 1614. Ele era considerado um “dois espíritos” e quando descoberto pelos colonizadores foi punido severamente, assassinado amarrado em um canhão. A vedação à homossexualidade perdurou e foi cristalizada no Brasil Império, no Código Penal do Império de 1830 que **tipificava a sodomia**.

A Revolta de *Stonewall*

O **marco** que deu início ao **movimento LGBTQIA+** foi a Revolta de Stonewall, ocorrida em 28 de junho de 1969 em Nova York, nos Estados Unidos. O contexto da época era de criminalização da homossexualidade, de modo que em 1968, um ano antes da revolta, cerca de 5 mil pessoas estavam presas por crimes relativos à orientação sexual na cidade. Havia uma lei, desde 1875, que proibia o uso de roupas ou adereços que não fossem próprios da expressão correspondente ao sexo da pessoa.

O estopim da revolta foi a invasão e repressão policial no bar *Stonewall Inn*, um dos poucos locais que acolhiam pessoas LGBTQIA+, servindo de ponto de encontro entre elas. Após a invasão, as pessoas ligadas à causa organizaram uma grande marcha pela visibilidade da luta

das pessoas LGBTQIA+. Foi a primeira parada do orgulho, e marco de início do movimento pelos direitos sexuais das pessoas LGBTQIA+, em um contexto mundial marcado, também, por lutas pelos direitos e liberdades civis.

Sobre essa questão, cumpre destacar o papel de **Marsha P. Johnson**, que após o ocorrido em *Stonewall* percebeu a importância da luta política pelos direitos da população LGBTQIA+, em especial à população transgênero, da qual era representante. Foi idealizadora da **Ação das Travestis de Rua Revolucionárias** (S.T.A.R, em inglês), organização que abrigou e acolheu centenas de jovens transgêneros e *drag queens* em Nova York. Sobre a vida de Marsha, recomenda-se o documentário “**A morte e vida de Marsha P. Johnson**”, produzido pela Netflix.

Início do Movimento no Brasil

No Brasil, o movimento organizado surgiu no contexto das repressões perpetradas pela Ditadura Militar (1964-1985). Na época alguns movimentos organizados de combate à ditadura foram fortalecidos, em especial compostos por estudantes e operários. Também em razão da censura foi criada e fomentada a imprensa alternativa. Alguns destaques dessa imprensa foram o *Lampião da Esquina* (1978-1981) e a *Chanacomchana* (1981-1987), considerada a primeira a primeira publicação lésbica brasileira.

No Brasil, houve uma revolta conhecida como “*A Stonewall Brasileira*”, no **Ferro’s Bar**, que fez surgir o dia do orgulho lésbico no país. Ferro’s bar era um ponto de encontro de pessoas LGBTQIA+ na cidade de São Paulo. Inclusive, era onde se veiculava as edições do jornal *Chanacomchana*. No dia 19 de agosto, o dono desse bar proibiu a distribuição do jornal dentro do estabelecimento, sob o pretexto de que ele feria os bons costumes. Essa proibição fez insurgir uma revolta muito grande por parte das mulheres que frequentavam o bar. Em razão disso, o dia 19 de agosto é conhecido nacionalmente como dia do orgulho lésbico.